



O PAPEL COCRIADOR DO SER HUMANO ENQUANTO IMAGO DEI E HOMEM E MULHER SEGUNDO O TESTEMUNHO BÍBLICO ¹

The role of co-creator of the human being as imago Dei and man and woman according the biblical testimony

Robson Barbosa Silva **

Resumo:

O presente artigo trata do papel do ser humano, enquanto *imago dei* e homem e mulher, na obra da *creatio continua*. Visa evidenciar que o casamento está fundamentado na própria criação e não se pode compreender tal instituição sem considerações protológicas. O próprio Senhor Jesus Cristo ressaltou a ligação do casamento com a obra divina de criar, no início, homem e mulher, com a finalidade que estes se associassem em profundo amor, pois foi intenção daquele que faz todas as coisas que homem e mulher fossem uma só carne. O trabalho também tenciona mostrar que o ser humano tem função no contexto da criação contínua e que, no fim, a humanidade só pode cumprir tal função no âmbito do casamento, onde se forma vínculo de amizade, amor e cuidado necessários para o fundamento da sociedade e cultura. Tentativa de cumprir o simples propósito de multiplicação numérica coloca o humano no mesmo nível da animalidade e apenas uma união em amor proporciona o ambiente propício para a constituição da nova vida e nova geração.

Palavras-chave: Casamento; Cocriador; *Creatio continua*; Criador; *Imago Dei*

Abstract:

The present paper deals with the role of the human being, while *imago dei* and man and woman, in the work of *creatio continua*. It aims to show that the marriage is based in the creation itself and can't understand such an institution without protological considerations. The Lord Jesus Christ himself emphasized the connection of the marriage with the divine work of creating man and woman in the beginning, with the purpose of that they are associated in deep love, because was the intention of the One who does all things that man and woman were one flesh. The work also intends to show that the human being has a function in the context of continuous creation and that, in the end, humankind can fulfill this function only in the context of marriage, where the bond of friendship, love and care necessary to the foundation of society and culture are formed. Attempting to fulfill the simple purpose of numerical multiplication puts the human on the same level of animality and only a union in love provides the propitious environment for the constitution of new life and new generation.

Keywords: Marriage; Co-creator, *Creatio continua*; Criador; *Imago Dei*.

¹ Enviado em: 24.07.2017. Aceito em: 10.06.2020.

** Mestre em Estudos Teológicos pelo Miami International Seminary (MINTS) e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: robsonbio2008@hotmail.com

Introdução

A doutrina da criação trata, basicamente, da relação Deus-mundo. De fato, pode-se pensar a relação Deus-mundo como *creatio originans*, *creatio continua* e *creatio novae*. Todas as operações de Deus na realidade criada podem ser concebidas em uma destas categorias. A *creatio originans* pode ser pensada como sendo, em seu último fundamento, a partir do nada. Algumas mundividências rivais da fé cristã contêm a ideia de uma origem partindo de uma matéria primordial e coeterna com o divino, por exemplo, mas, como será mostrado abaixo, o cristianismo em seus documentos fundamentais, se afasta destas noções. A matéria é completamente dependente de Deus não apenas no que respeita sua ordem e disposição, mas no que tange ao seu próprio ser.

A *creatio continua* é uma ideia similar na medida em que Deus é seu sujeito último. Contudo, se pode pensar, então, em outros sujeitos agindo conjuntamente segundo as determinações do criador último com fins de que outras realidades venham à existência. No fim, porém, tudo é sustentado por Deus e sem ele nada ocorre, “[...] [p]ois é nele que nós temos a vida, o movimento e o ser [...]” (At 17.28).² Quando Deus cria os seres vivos, dota-os do poder de perpetuar sua espécie por meio do processo reprodutivo. Isto é ilustrado nos textos básicos da doutrina da criação em Gênesis, onde se repete a bênção divina para que as criaturas frutifiquem e se multipliquem, com fins de que a terra se encha. Ao contrário dos anjos, que teriam (aparentemente) número fixo e “não casam nem são dados em casamento”, o modo pelo qual Deus perpetua a substância viva é por meio do poder de frutificar.

Tendo criado homem e mulher, Deus assegura a permanência do ser humano na terra. Não é por acaso que, como todas as doutrinas bíblicas, a doutrina do casamento encontra sua base na criação: “O entendimento da Igreja acerca da sacralidade do matrimônio está enraizado na narrativa da *criação* em Gênesis.”³ O testemunho bíblico contém a ideia de que o casamento é plano de Deus para a humanidade e que, nesta instituição, há um microuniverso que, em certo sentido e grau, espelha o que se dá com a relação Deus-mundo. Constitui-se pequena relação criador-criatura (no caso, co-criador). Se adequando a tal situação, o homem expressa aquilo que, de fato, é: imagem do criador.

A obra criativa

A cosmovisão hebraica está inerentemente ligada à noção de Deus como criador. Esta é uma das ideias mais caras à piedade e modo de ver a vida do “povo do livro”. Outra ideia importante é a de Deus como salvador. Pode-se afirmar que as noções de criador e salvador se confundem em certa medida, pois, antes de ser visto como criador de todas as coisas, Deus é concebido como criador do povo de Israel, e tal criação se dá com os episódios do Êxodo, quando se manifesta a salvação de Iahweh, o qual livra seu povo da escravidão ferindo os egípcios com as dez pragas (de fato, ferindo os deuses egípcios, pois os elementos feridos pelas pragas eram concebidos como divinizados) e, finalmente, derrotando os exércitos de Faraó com as águas do Mar Vermelho. Tais episódios são fundantes da nação por meio da qual, em seu devido tempo, viria o Salvador do mundo. Westermann, ao falar do “Deus-criador”, chega a dizer que tal conceito seria extrapolação

² No presente artigo, utilizou-se do texto da *Tradução Ecumênica Brasileira* (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

³ MCBRIEN, Richard P. *Catholicism: study edition*. Minneapolis: Winston Press, 1981, p. 788. McBrien fala do seio da tradição católica romana, mas, suas considerações são aplicáveis a todos os ramos do cristianismo.

da ideia de Deus-redentor. “[...] Em outras palavras, a ação redentora foi interpretada no sentido retroativo até chegar-se ao instante da criação de tudo.”⁴

Uma palavra utilizada para ilustrar a obra divina da criação do céu e da terra (Gn 1) é “*bârâ*”. Esta tem, no material veterotestamentário, apenas a Deus como sujeito.⁵ “[...] Ainda que muitos verbos denotem a atividade divina de trazer a criação à existência, *bârâ*’ se distingue por ser utilizado exclusivamente para Deus.”⁶ É traduzida, usualmente, como “criar”. “[...] Pode-se determinar melhor o sentido de criou (*bârâ*’ [...]) com base no Velho Testamento como um todo (incluindo-se este capítulo [Gn 1]), onde se vê que seu sujeito é invariavelmente Deus [...]”⁷. Tal termo aparece primeiro em Gênesis 1.1, onde figura como a segunda palavra da frase⁸ que resume toda a narrativa de 1.1 até 2.4a. O verbo *bârâ*’, em ugarítico, denota criação artística e significaria uma obra divina sem condicionantes.⁹ Se, por acaso, tal criar se dá com base em um material preexistente, este não condiciona, em absoluto, o assombroso agir divino.

Deus, portanto, nos é apresentado pelo testemunho bíblico, primariamente (do ponto de vista cronológico), como criador. O texto de Gênesis nos apresenta grandioso esquema no qual Deus, em um primeiro momento, organiza o espaço da sua criação (observe-se os primeiros três “dias” criativos¹⁰) preenchendo estes mesmos espaços em um segundo momento (nos três “dias” seguintes). Notável é que, apesar de tudo depender do poder de Deus, este dota sua criatura de tal autonomia que possibilita, no fim, que “produza” (Gn 1.12, *et passim*) no contexto da soberana vontade divina. Deus não apenas cria, mas, em certo sentido, dota sua criação de poder criador.

Isto também é expresso na fórmula “Sede fecundos e prolíficos, enchei [...]”. Esta aparece em Gênesis 1.22 (relacionada aos animais aquáticos e aéreos. A estes, é dito que se multipliquem) e em 1.28¹¹ (relacionada ao Homem, pois também está atrelada ao domínio que a este é conferido sobre a criação). Em 9.7 (relacionada a Noé e sua família), temos pequena variação, com o “pululai¹² no lugar do “enchei”. Em 8.17 (relacionada às criaturas viventes que escaparam do dilúvio), tem-se oração análoga: “[...] e que pululem [...]; que sejam fecundos e prolíficos [...]”¹³ Tais expressões comunicam a ideia de que Deus mesmo assegura a continuidade da substância viva sobre a terra, e o faz através da sucessão de gerações não apenas na situação humana, mas também no que diz respeito aos animais e plantas. A criatura é dotada de poder vital e criador desde o inanimado (“Que

⁴ WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 100.

⁵ O termo não necessariamente denota uma *creatio ex nihilo*. De fato, os autores consultados concordam que tal doutrina é posterior à produção do material de Gênesis 1. Ver abaixo discussão sobre tal ideia. Contudo, se houvesse um termo hebraico para comunicar a ideia de *creatio ex nihilo*, este seria “*bârâ*” (ARANA, Andrés Ibañez. *Para compreender o Livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 28).

⁶ WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 67. O mesmo acrescenta: “A título de exemplo, tem-se: ‘*sh*, “criar, fazer” (Is 45.18); *p’l*, “fazer, trabalhar” (Êx 15.17); *ysr*, “formar, modelar” (Is 45.18); *kwn*, “estabelecer, tornar firme” (Pv 8.27)” (WALTKE, 2010, p. 67, nota 16).

⁷ KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979, p. 41.

⁸ Heb: *bere’shit bârâ’ ’elohim ’et hashamayim ve’et ha’arets*. Utilizou-se no presente artigo do texto hebraico de GIL’EAD, Enih. *Interlinear Hebraico-Português: livro de Gênesis completo e textos bíblicos seletos*. Vianópolis (GO): [s. n.], 2011.

⁹ ARANA, 2003, p. 26.

¹⁰ O texto de Gênesis não obriga a ver tais dias como períodos de vinte e quatro horas. Também deve se notar que é de todo inadequado ver tal material como polêmica contra conceitos científicos hodiernos, como a teoria evolutiva. A evolução dos seres vivos pode, com muita propriedade, ser vista como o modo pelo qual Deus operou com fins de produzir toda a pluralidade observada na biosfera.

¹¹ Em ambos os versos, a fórmula é a mesma no hebraico, a despeito das variações que possa assumir nas versões: *peru urevu umil’u*.

¹² Heb. *shiratsu*.

¹³ Heb. *veshartsu [...] ufaru veravu*.

a terra [...] produza [...]”; “Que as águas pululem [...]”), passando pela vida vegetal, animal e, por fim, o homem. Tudo sustentado e nutrido pelo criador de todas as coisas¹⁴.

Apesar de que o texto de Gênesis 1-2 não contenha uma doutrina de *creatio ex nihilo*¹⁵, percebe-se, claramente, um princípio de *creatio originans* e *creatio continua* derivando diretamente das referidas narrativas. Se há uma origem que seja interessante para o povo eleito (a origem do próprio povo eleito, no fim das contas!), esta está ilustrada nas mesmas narrativas. Há liame entre a gênese do céu e da terra e a gênese do povo israelita evidenciado nas constantes (e, para muitos, enfadonhas!) genealogias, as quais, em meio às vicissitudes das narrativas de Gênesis, mostram-se ininterruptas: “[...] Portanto, a criação do céu e da terra marca o início do povo de Israel.”¹⁶ No *Sitz im Leben* do Gênesis, seus autores não estavam preocupados com especulações tais como a origem da matéria. Isto é preocupação posterior.

Contudo, deixar claro que a doutrina de criação do nada é, sem dúvida, bíblica:¹⁷

[...] A asserção que fizemos em nosso exame foi de as tradições presentes em Jó, Dêutero-Isaías e Salmos de fato implicam a *creatio ex nihilo* e de que as tradições do Novo Testamento [...] só são compatíveis com a *creatio ex nihilo*. [...] A primeira referência à ideia como tal está em 2 Macabeus 7.28¹⁸ [...] Romanos 4.17 e Hb 11.3 expressam a idéia (*sic*).¹⁹

Além do testemunho histórico, na Escritura e tradição da Igreja,²⁰ os cristãos têm razões teológicas para sustentar tal noção, pois sem a mesma, as afirmações de bondade, unidade e sentido da ordem criada, bem como as rejeições ao dualismo e panteísmo estariam comprometidas.²¹ Também se pode afirmar que a *creatio ex nihilo* tem a ver tanto com origem como com dependência, pois sem a noção de origem *ex nihilo*, não há uma persuasiva ideia de dependência.²²

¹⁴ Alguns tradutores entendem que, no versículo 2b, há referência ao Espírito de Deus, o qual estaria preparando, de certo modo, a criatura “sem forma e vazia” para ser plasmada pelo poder de Deus. Contudo, alguns traduzem *ruach* como “vento impetuoso”. “[...] Eruditos têm refletido muito sobre a especificação do termo empregado neste contexto [‘*ruach*’ significa, essencialmente, ‘ar em movimento’], a conclusão geral identificando algum aspecto da atividade e presença do Criador no meio do tumulto caótico” (HARBIN, Christopher B. *Homilética da Teologia das Narrativas*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2006, p. 18).

¹⁵ Saindo um pouco do campo da estrita exegese e adentrando no da filosofia da religião, é interessante observar que a noção de criação a partir do nada é difícil de ser posta em termos racionais, pois o homem, em sua imaginação, sempre pensa o vir a ser como modificação, “[...] enquanto o discurso da *creatio ex nihilo* entende o vir a ser como uma simultaneidade eterna atemporal em Deus” (SCHNEIDER: SATTler, p. 194).

¹⁶ DATTler, Frederico. *Gênesis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 26.

¹⁷ “*Creatio ex nihilo*, ou seja, a criação a partir do nada absoluto, do vazio total e da não-existência metafísica, – é alheia à Sagrada Escritura” (DATTler, 1984, p. 27). Tal asserção não parece corresponder aos fatos, como exposto.

¹⁸ Livro apócrifo para a tradição protestante.

¹⁹ HEFNER, Philip J. A criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Orgs.). *Dogmática Cristã* (Vol. 1). São Leopoldo (RS): Sinodal, 2002, p. 314.

²⁰ A título de exemplo, no Credo Niceno-Constantinopolitano, tem-se: *Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis*. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_crista_ortodoxa/o_credito_niceno_constantinopolitano.html. Acesso em: 22 Jul. 2017.

²¹ HEFNER, 2002, p. 315.

²² HEFNER, 2002, p. 315-316.

A constante obra criativa

A afirmação da criação não é apenas protológica, dizendo respeito, também, à presença de Deus através da história, com fins de levar esta a sua consumação.²³ Há consenso antigo de que Deus criara diretamente a *materia prima*, e indiretamente a *materia secunda* (que seriam as coisas específicas e determinadas), por meio das *causae secundae*.²⁴ Tal *creatio continua* seria a obra divina de preservar na existência a sua criatura, a qual teria sido, no princípio, literalmente, chamada da inexistência pela poderosa palavra. De fato, na *creatio continua*, Deus chama constantemente a criatura do não ser para o ser.²⁵ Isto, contudo, não é feito sem o concurso da própria criatura, a qual, no contexto da causação secundária, é utilizada por Deus para a consecução de seus propósitos.

A *creatio continua* é ilustrada nas bênçãos divinas das narrativas de Gênesis, pelas quais à criatura é assegurada sua continuidade, mesmo em meio à sua característica finitude. Consta, também, nas referidas orações, polêmica contra os diversos cultos à fertilidade que grassavam no paganismo circunjacente a Israel e Judá. Em muitas ocasiões, tais cultos tiveram profunda influência na história do povo eleito; observe-se que, segundo registro dos livros dos Reis, no momento mais baixo de apostasia do Reino do Norte, o baalismo adentra em Israel e se torna, de fato, religião oficial, por ocasião do casamento misto de Acabe com Jezabel, sendo extirpado por Jeú. Alguns destes cultos eram caracterizados por grosseira prostituição sagrada. De fato, o texto de Gênesis afirma que, se há um doador de vida, este é lahweh, não os ídolos dos cananeus ou de qualquer outro povo.

Tal criação é declarada boa por Deus. O “bom”, aqui, é visto por alguns autores como significando algo como “adequado a determinado fim”: “[...] Tudo que Deus fez era bom, diz Gênesis. Não ‘bom’ no sentido moral (o que não se aplica às coisas), mas ‘bom’ no sentido teleológico [...]”²⁶ Contudo, o termo não se resumiria a isto, segundo outros autores. Marcadamente em 1.31, onde aparece a forma superlativa “[...] e eis que era muito bom.”²⁷ Arana comenta:

[...] O autor perde seu comedimento habitual com esse superlativo. Este “muito bom” equivale a “bom em todos os sentidos”: útil, ajustado à medida, adequado ao fim a que se pretende, reto, ético, formoso, amável. O cosmo saído da mão de Deus é um portento de harmonia e adaptação ao fim. Um mundo no qual se poderá desenvolver folgadoamente a história humana.²⁸

Discorrendo sobre a aprovação divina à criação, WESTERMANN diz que, apesar de que nem sempre o homem veja o “bom” da criação, de todo modo, não cabe a ele julgar (só a Deus), mas, antes, se alegrar na obra de Deus. O “bom” também é o “belo” (o termo *tov* significa uma e outra coisa). O conceito bíblico de belo é dinâmico (em contraposição ao grego, que é estático) e parte integral da criação²⁹.

²³ HEFNER, 2002, p. 342.

²⁴ HEFNER, 2002, p. 346.

²⁵ SATTler, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da criação. In: SCHNEIDER (Org.). *Manual de Dogmática* (vol. 1). Petrópolis (RJ): Vozes, 2000, p. 194.

²⁶ FERREIRA, Julio Andrade. Antropologia (Introdução). In: _____. *Antologia Teológica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 299.

²⁷ Heb: *tov-vehineh me'od*.

²⁸ ARANA, 2003, p. 44.

²⁹ WESTERMANN, 2011, p. 107-108.

O cocriador

O curioso é que, na narrativa de Gênesis 2, tem-se Deus considerando certo aspecto de sua criatura como não sendo boa. “Não é bom para o homem ficar sozinho.”³⁰ (2.18). O homem está só, e para ele Deus traz os diversos animais da terra para ver por qual nome ele os chamaria (2.19). Nesta situação, o homem não encontra alguém que lhe seja igual. Lembrar-se que em Gênesis 1.27, já se descrevera que o homem³¹ fora feito *imago Dei*.³² A ideia de que o ser humano seria imagem de Deus é *sui generis* no mundo bíblico.³³ “[...] Com seu *domínio sobre a criação* [...] e por participação na ação criadora de Deus na *geração de descendência* (cf. Gn 5,3) os seres humanos cumprem sua destinação de serem ‘imagem de Deus.’”³⁴ Também estaria expressa em tal fórmula a sociabilidade do homem, que se liga e é análoga àquela de Deus, que por sua vez, estaria expressa no verbo “façamos” (Gn 1.26). Sattler e Schneider, tratando da noção de *imago Dei*, acrescentam que nela está contida a ideia de que “[...] o ser-homem [é] essencialmente [...] um ser capacitado a uma existência relacional.”³⁵ Há relação do homem com Deus, com o mundo e consigo mesmo.³⁶ E só é possível ter uma relação com algo ou alguém quando exista certo grau de similitude. O homem fora feito para se relacionar com seu criador. Os seres humanos recebem ordem para dominar e “[...] são as únicas criaturas que têm um relacionamento eu-tu com Deus.”³⁷ Na criatura, contudo, o homem não acha ninguém que lhe seja igual.

Deus, então, providencia uma companheira para o homem solitário. Esta companhia é feita da *sela* do homem. Tal palavra tem sido traduzida por costela, mas, de fato, não significaria exatamente isto. A tradução mais apropriada parece ser algo como “elemento de construção”, “tábua” ou “viga”, denotando a ideia de estrutura.³⁸ Contudo, admitindo a propriedade da leitura tradicional, tem-se rica imagem da relação homem-mulher, fundamentada em sua gênese. “[...] A mulher não é um animal inferior; homem e mulher são consangüíneos (*sic*), têm a mesma origem, dignidade e destino, e são feitos um para o outro.”³⁹ O texto comunica a ideia de que a mulher é feita igual ao homem, sendo, incluso, retirada do mesmo. Realmente, tem lugar na narrativa uma companheira ideal para o homem. “[...] A forma concreta do convívio de homem e mulher recebe [nos textos sobre a criação] uma interpretação minuciosa: somente a mulher é uma verdadeira ‘ajuda’ para o homem, que o liberta de sua solidão (cf. a expressão de júbilo do homem em Gn 2,23).”⁴⁰

Sem a união com o sexo oposto, o homem não poderia cumprir a bênção da qual é objeto um número de vezes (Gn 1.28 *et passim*). Não poderia, tomando como válida a leitura da *imago Dei* como expressando a noção de um “pequeno deus” e “pequeno criador”, sequer ser homem, pois

³⁰ Heb: *tov-lo' heyot há'adam levado*. A mesma palavra “*tov*” é utilizada neste contexto e na fórmula de Gênesis 1, quando se repete que Deus declara sua criatura “boa”. Tal palavra também é traduzida como “bem” em 2.9 *et passim*.

³¹ Heb: *'adam*. Tal termo pode, muito bem, ser traduzido como “humanidade”. Não designa, portanto, o primeiro homem.

³² Há certo número de ideias acerca da *imago Dei*, como será mostrado abaixo de modo conciso. Notar que tal leitura não esgota o real sentido da expressão.

³³ SATTLER e SCHNEIDER, 2000, p. 147.

³⁴ SATTLER e SCHNEIDER, 2000, p. 148.

³⁵ SATTLER e SCHNEIDER, 2000, p. 202, grifo no original.

³⁶ SATTLER e SCHNEIDER, 2002, p. 203.

³⁷ LONGMAN III, Tremper. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 129.

³⁸ SATTLER; SCHNEIDER, 2000, p. 120.

³⁹ ARANA, 2003, p. 64-65.

⁴⁰ SATTLER; SCHNEIDER, 2000, p. 148-149.

que a imagem de Deus é indissociável do homem. Deixar de ser imagem de Deus é deixar de ser homem. O ser humano é um *pequeno criador*! Deus, na ordem natural, utiliza-se do casamento enquanto união dos dois sexos em amor para executar sua *creatio continua*. Na situação de finitude que lhe é própria, o ser humano, através do casamento e reprodução, cumpre o mandato divino de sujeitar a terra, de fato colocando a imagem do criador de todas as coisas à vista da criatura, ao, literalmente, “encher a terra”. Na comunhão dos sexos se dá a “ação criadora criacional”, bem como uma relação de parceria que possibilita uma vida digna.⁴¹

O testemunho neotestamentário é de que uma teologia do casamento está expressa nas narrativas da criação. O próprio Cristo, em situação de polêmica acerca do divórcio, diz que a união matrimonial tem caráter indissolúvel, pois que, no princípio, foram criados homem e mulher.

[...] Ele [Jesus] respondeu: “não lestes que o Criador, no princípio, *os fez homem e mulher* e que disse: *Eis por que o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à mulher, e os dois se tornarão uma só carne?* Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne.”⁴²

O Senhor não dá outra justificativa que aquela da própria criação. Deus cria homem e mulher porque deseja que estes cumpram o plano divino de que sua imagem encha a terra e o represente em toda parte.

[...] [Jesus] os faz lembrar [os fariseus] a verdade conhecida de todos os leitores da Escritura de que o propósito da criação de *dois sexos* era que a solidariedade, a estabilidade e felicidade da raça humana tivessem como fundamento a união física do homem e da mulher. Tal união é parte essencial do plano do Criador [...].⁴³

No contexto do casamento, de imediato, há a criação de algo completamente novo: ambos os cônjuges se tornam *uma carne* (Gn 2.24). É como uma adição na qual o todo transcende a simples soma das partes. Como cocriadores, os cônjuges devem se esforçar com fins de que sua criação seja boa, como o foi (o é!) a criação do grande Deus. Um ambiente de profunda amizade, desvelo e amor deve se formar (como um lindo jardim!) com fins de que haja lugar para a constituição de novas vidas e oportunidade para um legítimo testemunho cristão. O clímax do ato criador do homem e da mulher é o filho temente a Deus. É difícil conceber um testemunho mais poderoso da verdade cristã do que aquele de um filho que honre a seus pais e ao seu criador. Este é o plano de Deus com a união dos dois sexos. O Deus Todo-Poderoso doa a existência ao ser humano e lhe supre das condições para que este cumpra a bênção, e cabe ao humano, dentro de suas limitadas possibilidades, doar existência e suprir para que sua descendência possa, também, cumprir a referida bênção. Não é, de fato, possível doar aquilo que não se possui!

Obviamente, o pecado é empecilho para o prosseguimento de tal cadeia. Desde o início, o pecado se imiscui na realidade criatural, e com ele muito sofrimento⁴⁴ (cf. Gn 3). Em seus vários níveis (individual, familiar, social) o viver humano está impregnado do pecaminoso, e percebe-se a olhos vistos o mal que isto produz nos mais diversos contextos. A família não deixaria, obvio, de ser atingida. Contudo, apesar de tudo isto, Deus ainda executa seu plano e, por sua graça, a criatura permanece. A bênção é concedida, de forma que o elemento inanimado “produz” e sustenta o animado e este frutifica. E a humanidade não faz diferente. Assim deve ser até que, no fim, se dê a

⁴¹ SATTler e SCHNEIDER, 2000, p. 203-204.

⁴² Mt 19.4-6, grifo no original.

⁴³ TASKER, R. G. V. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980, p. 143, grifo no original.

⁴⁴ No fim, contudo, o sofrimento (e o próprio pecado) é devido à finitude criatural.

restauração de todas as coisas: a *creatio novae*. Até lá, Deus se compromete a preservar a sucessão natural das coisas, apesar do pecado (observe-se as bênçãos pós-diluvianas de Genesis 8.17 e 9.7), e, no ambiente humano, isto se dá por meio da união homem/mulher.

Considerações finais

Do exposto, pode-se perceber que o casamento ocupa papel fundamental nos planos divinos como expressos no texto bíblico. Poder-se-ia pensar que, para obter-se o fim estabelecido por Deus, bastaria a simples reprodução. Afinal, a reprodução é, em si, uma cocriação. E é uma cocriação da qual participam, inclusive, os animais, plantas, bactérias... Pode-se pensar se a instituição do casamento é necessária neste contexto.

Contudo, o lugar da instituição parece estar, justamente, em que o ambiente humano transcende muito o simplesmente biológico. O ser humano está acima da pura animalidade, daí que se faz necessário não apenas o processo reprodutivo, mas a formação ulterior e introdução na cultura que se dá no contexto familiar. E isto faz parte do processo mais amplo por meio do qual Deus opera com fins a que sua criatura possa ser vista como “muito boa”. “Ensina bons hábitos ao jovem, em início de caminhada; não os deixará, nem quando envelhecer” (Pv 22.6). Uma falha neste processo é devida à negligência dos pais no que concerne à formação de ambiente adequado; à sua função como cocriadores!

Daí, salta à vista a importância de se entender o casamento como elo da maior relevância no processo pelo qual Deus conduz as coisas até a consumação⁴⁵. Há a promessa de que, nesta, finalmente Deus restaurará tudo, mas, até lá, cabe ao ser humano prosseguir propagando-se e constituindo ambiente para que a obra divina siga adiante.

Referências

ARANA, Andrés Ibañez. *Para compreender o Livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Credo Niceno-Constantinopolitano. Disponível em:

https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_crista_ortodoxa/o_credito_niceno_constantinopolitano.html. Acesso em: 22 Jul. 2017.

DATTLER, Frederico. *Gênesis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

FERREIRA, Julio Andrade. *Antologia Teológica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

GIL'EAD, Enih. *Interlinear Hebraico-Português: livro de Gênesis completo e textos bíblicos seletos*. Vianópolis (GO): [s. n.], 2011.

HARBIN, Christopher B. *Homilética da Teologia das Narrativas*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2006.

HEFNER, Philip J. A criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Orgs.). *Dogmática Cristã* (Vol. 1). São Leopoldo: Sinodal, 2002.

KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.

LONGMAN III, Tremper. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

⁴⁵ Como tal categoria é apresentada no texto bíblico, deixar claro, de forma que as asseverações aqui feitas parecem carecer de sentido para o leitor que não tenha a Bíblia como fonte de verdade em qualquer grau. Não há aqui, portanto, o que poder-se-ia chamar uma apologética racional da instituição em si, mas apenas uma leitura do que a Bíblia teria a dizer sobre a mesma no contexto da teologia da criação.

MCBRIEN, Richard P. *Catholicism: study edition*. Minneapolis: Winston Press, 1981.

SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da criação. In: SCHNEIDER Theodor (Org.). *Manual de Dogmática* (vol. 1). Petrópolis: Vozes, 2000.

TASKER, R. G. V. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

Tradução Ecumênica Brasileira (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2011.